

## Em memória de Dinah: uma das muitas mulheres esquecidas nos relatos bíblicos

*Priscila Andrade Magalhães Rodrigues\**

DIAMANT, Anita (1997). *A Tenda Vermelha*. Trad. Maria Luiza Newlands Silveira e Marcia Claudia Reynaldo Alves. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 297p.

A história de Dinah, filha de Lia com Jacó, semelhante às histórias de muitas outras mulheres na Bíblia, fica à margem dos relatos, sendo praticamente esquecida e relegada ao pó. Dinah é mencionada nos relatos bíblicos apenas como alguém que foi violentada e cuja honra foi vingada. Em *A Tenda Vermelha*, no entanto, Anita Diamant dá voz a Dinah, que narra sua própria história, cheia de detalhes, cheiros, sabores, prazeres, sexo, amores e ódio.

Anita Diamant é uma autora norte-americana nascida em 1951, Nova Jersey. Graduou-se em Literatura Comparada em 1973 pela Universidade de Washington em St. Louis, Missouri. Em 1975, obteve o mestrado em Inglês na Universidade Estadual de Binghamton.

Começou sua carreira como escritora em 1975, trabalhando como jornalista free-lance. Lançado em 1997, *A Tenda Vermelha* foi seu romance de estréia. Dois outros romances foram publicados posteriormente, *Good Harbour* (2001) e *The Last Days of Dogtown* (2005). Nos últimos anos, Diamant tem se envolvido em projetos criativos, construindo um novo recurso para renovação espiritual judaica. Ela é fundadora do Mayyim Hayyim: Centro Educacional Comunidade Mikveh Águas Vivas, uma comunidade baseada em banho ritual localizada em Newton, Massachusetts.

A primeira parte de *A Tenda Vermelha*, Diamant dá voz a Dinah, que narra as histórias de suas quatro "mães": Lia e suas três tias, Raquel, Zilpah e Bilah. Nesta parte do livro, Dinah conta as histórias

que lhe contaram: os casamentos de suas mães, o nascimento de seus irmãos, seu próprio nascimento. Na segunda parte, a protagonista narra a sua própria história, a partir de suas lembranças da infância, tragédias e surpresas que sua vida lhe reservou.

A história das mães de Dinah é relatada a partir do encontro de Raquel com Jacó em um poço. Raquel chega em casa aos gritos dizendo que "um homem impetuoso, sem sandálias, cabelo emaranhado, rosto sujo, beijou-a na boca" (p. 12). A jovem diz que o estranho, irá se casar consigo. Raquel, de poderosa presença, é detalhada por Dinah com esmero: "o cabelo castanho possuía reflexos acobreados, e a pele, dourada como mel, era perfeita" (p. 13), e, portanto, impossível de não chamar a atenção de Jacó.

Jacó apresentou-se a Labão, era filho de Rebeca, sua irmã, e esperava a hospitalidade do tio. Os olhos de Lia e Jacó se cruzaram e nenhum dos dois cuidou de os desviarem. Dinah menciona a característica marcante da mãe: seus olhos "um, azul como lápis-lazúli, o outro, verde como a relva do Egito" (p. 15).

Zilpah, que "não gostava muito de homens, que dizia serem cabeludos demais, grosseiros demais e animalescos" (p. 18), se considerava uma sacerdotisa, "guardiã dos mistérios da Tenda Vermelha, a filha de Asherah" (*idem*). De idade próxima à Lia, as duas irmãs cresceram juntas e se pareciam bastante com o pai, cabelos escuros, pele morena, ostentando "o nariz da família, o mesmo de Jacó, um respeitável bico de gavião" (p. 19).

Bilah era a mais jovem das irmãs. Era tristonha e solitária, "nunca ultrapassou a altura de um menino de dez anos e cuja pele era da cor do âmbar escuro" (p. 20), assim, "era miúda, escura e silenciosa" (*idem*), mas estava sempre atenta às coisas que aconteciam ao seu redor.

Labão não era apreciado sequer por suas filhas: "ele parecia um boi, uma estaca, um excremento de cabra" (p. 22). Embora não apreciasse a presença de Jacó, via nele um genro que talvez não fosse exigir um grande dote por sua noiva. Além disso, Jacó era trabalhador e em pouco tempo, administrava toda a propriedade de Labão, que prosperava em suas mãos.

Depois de alguns meses trabalhando para Labão, iniciou-se a negociação pelo valor de Raquel, que, depois de muitas reclamações foi o de um décimo de

\* Teóloga e mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

todo o rebanho que nascesse sob os cuidados de Jacó. Bilah também passaria a servir Raquel e Jacó poderia, assim, tomá-la como concubina.

Lia sofria com a alegria e superioridade que a irmã mais nova fazia questão de demonstrar, já que Raquel seria esposa e mãe antes das irmãs. Jacó percebia o sofrimento de Lia e reconhecia que era a jovem de 15 anos que mantinha a ordem na casa. Ele se referia a ela sempre com deferência e respeito, mas todos os dias tinha alguma pergunta a lhe fazer.

Zilpah percebia luxúria por todos os lados. Não aguentava ver Lia e Jacó juntos, já que os dois “quase se contorciam para não se verem, com medo de pularem um sobre o outro como dois animais excitados” (p. 32). Zilpah, que gostava de Lia, mas não suportava Raquel, resolveu tirar proveito da situação. Ao aproximar a data do casamento, Raquel foi tomada pelo medo da primeira noite com Jacó. Zilpah percebeu os temores da irmã e aproveitou para aumentar seu medo dizendo que “os pastores comentavam que o sexo de Jacó era uma aberração da natureza” (p. 33).

Assim, no dia de seu casamento, a jovem Raquel entrou em pânico e implorou à irmã mais velha para ir em seu lugar. “Zilpah disse que você consentiria – bradava ela” (*idem*). Embora com medo de ser desmascarada, Lia aceita a proposta da irmã.

Lia foi para a tenda de Jacó, que foi bom para ela, acariciou suas mãos, tocou seu rosto e, como conta: “penetrou-me lentamente da primeira vez, mas acabou tão depressa que eu não tive tempo nem de me acalmar” (p. 35).

Depois da semana de núpcias os dois decidiram que Jacó sairia indignado, dizendo que fora enganado e que cumprira o dever de passar as sete noites e dias com Lia em vez da amada Raquel, somente para livrar Labão da “filha desgraciosa”. Jacó colocou suas condições: queria Zilpah como parte do dote de Lia, outro décimo do rebanho e trabalharia mais sete meses por Lia, como trabalhou por Raquel; e ainda, exigia que Raquel lhe fosse dada por esposa para se fazer justiça. Raquel, já arrependida, cuspiu em Jacó.

O casamento de Raquel deu-se aproximadamente um mês depois ao de Lia. Para “proteger a felicidade da irmã” (p. 39), Lia guardou para si a notícia de sua gravidez até a volta de Raquel da tenda de Jacó. Raquel, indignada, acusou a irmã de roubar-lhe o posto de primeira esposa. Raquel, ainda, so-

freu abortos seguidos, enquanto via a barriga de Lia crescer.

Raquel ficou desconsolada no conforto da Tenda Vermelha, local onde as mulheres ficavam no período do “sangramento”. Neste período, as mulheres eram servidas pelas mais jovens que ainda não “sangraram”. Não faziam qualquer atividade, apenas fiavam, conversavam, passavam perfumes, maquiagem e cuidavam uma das outras. Raquel demorou a se recuperar, mas com o apoio de uma amiga parteira, que cuidou dela e lhes falava palavras de conforto e esperança, ela saiu da Tenda e resolveu acompanhar Inna, a parteira, em seu trabalho. De aprendiz, logo tornou-se uma hábil parteira. Como viu que não podia ter filhos, e enquanto via a família de sua irmã Lia crescer, Raquel aceitou a sugestão de Bilah para que Jacó a tomasse por mulher e lhe fizesse um filho por meio dela.

Dinah detalha o nascimento de cada um dos seus irmãos e o sofrimento de suas mães para tê-los: Rubem, Simão, Levi, Judah, Zebulon, Naftali, Issacar e ela mesma, filhos de Lia; Gad e Asher, filhos de Zilpah; José, filho de Raquel; e Dan, filho de Bilah. Sobre Benjamim, Dinah sabe pouco, já que não estava presente em seu nascimento e não ouviu suas histórias.

Ao contar sua própria história, agora já na segunda parte de *A Tenda Vermelha*, Dinah, a narradora, em um primeiro momento, tece as relações com os irmãos e depois conta sobre a saída da família de seu pai das terras de Labão.

A viagem, que agradara a Dinah, de repente, torna-se temerosa com o medo de Jacó pelo reencontro com Esaú. Tal encontro, contudo, permitiu que Dinah conhecesse sua avó Rebecca, que era conhecida como Oráculo e era servida por muitas sacerdotisas; também pôde ouvir músicas tão lindas que a faziam chorar. Jacó se instalou nas redondezas de Shechem, cidade que mudaria para sempre o destino de Dinah.

Dinah vai para a Tenda Vermelha. Ali recebe os cuidados de suas mães que massageiam seu corpo, untam-lhe com óleo e perfumes, cantam para ela e a fazem passar por um ritual em que seu sangue é derramado na terra em honra a Innanna, Rainha da Noite, de modo que sua virgindade não pudesse ser transformada em um prêmio (p. 159).

Dinah passou a acompanhar Raquel nos partos como ajudante. Um dia, a rainha de Shechem, Re-

nefer, mandou chamar as parteiras da casa de Jacó para atender a uma das mulheres de Hamor. Raquel, juntamente com Dinah, foi para a cidade. Já no palácio, Dinah ouviu uma voz masculina e foi verificar quem era. “Era o primogênito, o mais bonito e o mais brilhante dos filhos do rei, muito estimado pelo povo de Shechem” (p. 169). Os dois se olharam e, na verdade, Dinah nunca havia sido olhada assim, sorriram um para o outro, e permaneceram ali até ser puxada pelos braços por Raquel e Re-nefer. O parto foi rápido e nasceu um saudável menino. As parteiras voltaram para a casa.

Dinah, porém, não esquecera daquele encontro, não agüentava mais pensar que não veria seu amado novamente. Sua ansiedade acabou quando o rei foi mandar chamá-la. Dizia o recado que era para ela fazer companhia e alegrar sua concubina. A jovem volta ao palácio na esperança de reencontrar Shalem, o príncipe de Shechem.

O encontro só aconteceu depois de dias que Dinah estava no palácio se sentindo engaiolada. Re-nefer vendo a tristeza da moça, mandou-a ir ao mercado com uma das criadas. Ali, Shalem e Dinah se encontraram e, como ela descreveu: ele “olhou pra mim com um desejo igual ao que eu sentia” (p. 174). Voltaram ao palácio, que parecia vazio. Como conta:

Shalem me puxou para um canto sombrio, pôs as mãos em meus ombros e cobriu minha boca com a sua, comprimindo seu corpo contra o meu. [...] Ele não me pressionou ou empurrou, coloquei minhas mãos em suas costas e apoiei-me em seu peito e dissolvi-me em suas mãos e sua boca. Seus lábios desceram para o meu pescoço, eu gemi e ele parou. Examinou meu rosto para descobrir o significado daquilo e, vendo um sim, pegou-me pela mão e levou-me... (p. 175).

Dinah teve suas núpcias sem qualquer perturbação. Pão, vinho e frutas, que a jovem nunca conhecera, foram deixadas para o casal. Banhavam-se numa tina que fora ali deixada tão misteriosamente como a comida, amavam-se e descobriam os prazeres do amor juntos. Shalem contou que fora a mãe quem planejara tudo, já que não gostava das mulheres da cidade e via que as mulheres da casa de Jacó eram prendadas. Como gostou da aparência e da habilidade de Dinah, vendo que o filho se interessara por ela, resolveu aproximar os dois.

Não muito diferente do que nos contam os textos bíblicos, Shalem foi falar com seu pai, Hamor, sobre Dinah. Ele estava disposto a dar o que a família de Jacó pedisse como dote. Hamor foi falar com Jacó, mas Levi e Simão, gananciosos, incitaram o pai a não receber os presentes, dizendo que a família fora desonrada. Shalem foi pessoalmente falar com Jacó e aceitou suas condições: todos os homens da cidade de Shechem seriam circuncidados. Entretanto, dizendo que estavam vingando a desonra da irmã, Simão e Levi, foram à cidade e mataram todos os homens que ali encontraram. Mataram Shalem nos braços de Dinah.

Os dois irmãos amarraram a irmã desfalecida pelo desespero e a levaram de volta à casa de Jacó. O ódio, porém, lhe fez levantar. Cuspiu em seu pai, que embora dissesse não ter concordado, não fez nada para impedir a matança. Dinah amaldiçoou a todos e decidiu voltar para Shechem, mesmo que os portões da cidade fossem distantes. Queria enterrar seu marido e se mataria junto a ele. Ao chegar na entrada de Shechem, porém, desfaleceu.

As maldições de Dinah sobre a família foram sendo percebidas. A casa de Jacó, que mudou o nome para Israel, na tentativa de apagar a imagem ruim que ficara após este episódio, não prosperava mais como antes. Teve que fugir para que os povos da redondeza não vingassem Shechem. Jacó perdeu sua amada Raquel, que morrerá dando-lhe seu último filho, o “filho da desgraça”. Rubem fora pego com a esposa do pai, Bilah, e fora mandado para longe. Jacó perdeu ainda o filho José. Bilah sumiu misteriosamente e Zilpah morreu.

Dinah fora encontrada pelo mordomo de Re-nefer, que conseguiu fugir da espada de Simão e Levi. Ele e a Rainha foram para o Egito, terra onde ela nascera, levando Dinah. Re-nefer tinha a esperança de que Dinah carregasse um bebê para manter sua descendência.

A viagem para o Egito fora difícil, Dinah delirava, queria morrer, mas com os cuidados de Re-nefer, a jovem foi se restabelecendo. Diante de um novo lugar para morar, contariam que Dinah trabalhava para Re-nefer e que fora tomada por seu filho, com seu consentimento, como esposa. Dinah a teria ajudado a fugir dos bárbaros. Nas palavras de Re-nefer: “Será minha nora e eu serei sua senhora. Serei eu quem vai ampará-la no parto de seu filho, e ele será um príncipe do Egito” (p. 197).

Dinah, chamada De-ner no Egito, foi bem cuidada na casa do irmão de Re-nefer. A família alegrou-se pela chegada de um bebê. O parto de Dinah foi difícil. Ela instruiu Meryt, a parteira, a usar uma faca para abrir passagem para a criança. O menino que estava com o cordão umbilical envolto ao pescoço, sobreviveu. Dinah caiu em sono profundo. Ao acordar, descobriu que seu filho, a quem queria chamar Bar-Shalem, pertenceria a Re-nefer: “No Egito, a mãe dele sou eu. Você será a ama-de-leite e ele vai saber que nasceu de você. Este é meu filho, Re-mose, filho de Re, que você deu à luz para mim e para minha família” (p. 210).

Dinah ficava todo o tempo com Re-mose, passou a morar no jardim, onde cuidava das plantas e via seu filho crescer. Participava de todas as honrarias feitas para seu filho na casa da família, e queria que os anos parassem. Mas Re-mose cresceu e passou a ficar mais tempo na casa observando o trabalho do tio, praticando a escrita e fazendo refeições com a avó. Até que aos nove anos foi para a escola. Tornou-se o melhor aluno. Ficava anos sem ir para casa.

Dinah passou a ensinar Meryt as coisas que sabia sobre parto, mas recusava-se a acompanhá-la. Havia mais de dez anos que Dinah não saía do jardim, no entanto, depois de muita insistência, Dinah começou a ajudar Meryt nos partos.

Um dia, ao sair para trocar por uma caixa alguns dos presentes que ganhava em gratidão pelos partos, o coração de Dinah, agora em seus quase 30 anos, voltou a ser tocado. Benia, marceneiro, enquanto lhe vendia uma linda caixa – que jamais poderia ser paga pelas bugigangas que Dinah levava para a troca – trocava olhares com a parteira e contava-lhe sua história. Ele estava se mudando para uma grande casa na região dos Vales, onde, por coincidência, os filhos de Meryt eram padeiros. Dinah nada disse.

Em certa ocasião, houve festa pela chegada Re-Mose. Educado para seguir a carreira de vizir, estaria partindo junto com seu mestre para atuar em um caso, recebendo, depois disso, seu primeiro posto de trabalho. Após esse episódio, Dinah demoraria a rever seu filho.

Re-nefer morreu, seu irmão também. Re-mose não recebeu ordem para ficar no lugar do tio. Meryt foi convidada por seu filho para morar com

ele nos Vales. Ela pediu para que Dinah a acompanhasse. Dinah aceitou e foi bem recebida pelos filhos de Meryt e logo suas habilidades de parteira se fizeram conhecidas. Um dia, Benia, por insistência de Meryt, tomou coragem para convidar Dinah para viver com ele. Ela aceitou:

*Fazer amor foi uma doce surpresa. Desde a nossa primeira vez, Benia teve grande cuidado em despertar meu prazer, e parecia ser no meu prazer que ele encontrava o seu. Minha timidez dissipou-se inteiramente no decorrer daquela noite e, com o passar das semanas, encontrei em mim fontes de desejo e paixão que jamais suspeitava existirem. Quando Benia se deitava comigo o passado se desvanecia e eu me transformava em uma nova pessoa, renascida no sabor de sua boca e no toque de seus dedos (p. 253).*

Dinah estava feliz por ter sua casa. Gostava de cuidar de cada detalhe. Fora o fato de não saber cozinhar, encontrava paz nos braços de Benia, e sentia-se realizada. A neta e os netos de Meryt enchiam a casa de alegria, já que o casal não teve filhos.

Dinah recebia mensagens formais do filho, até que um dia ele lhe apareceu na porta. Precisava que a mãe fosse com ele realizar o parto da esposa de seu senhor. Dinah, mesmo sentida por se separar por um tempo do marido, atendeu ao pedido do filho. Ela percebera que o filho não gostava de seu senhor. Re-mose explicou que se tratava de um analfabeto e que não merecia ocupar o cargo que ocupava, pois era um “bárbaro”, nome dado aos hebreus. Para sua surpresa, Dinah fez o parto de seu sobrinho, filho de José, agora com outro nome Zafenat Paneh-ah. Os segredos do passado foram descobertos. Re-mose descobriu sobre a trágica morte de seu pai. O encontro de José com Dinah foi frio. Ela só não queria que ele prejudicasse seu filho. Por influência de José, Re-mose foi designado como governador para uma província distante, já que ele queria vingar a morte do pai em José. Após contar a Re-mose tudo o que sabia sobre Shalem, o seu pai, Dinah nunca mais viu seu filho.

Por sua conta, Dinah preferia o aconchego dos Vales, de sua casa, de seu marido, da família que a acolheu. Teve, no entanto, que reviver seu passado. José suplicou-lhe para acompanhá-lo em viagem para ver seu pai Jacó. Dinah hesitou, mas aceitou



porque Bena iria com ela. Lá ela sentiu novamente os cheiros da comida de sua mãe. Lá ela descobriu que apesar de seu nome ser proibido na casa de Bena, sua memória não fora apagada. Suas mães convidaram para que não esquecessem de sua filha.

Ao morrer, Dinah descobre que as tentativas de prolongamentos da vida e da beleza não são úteis. Mas a morte não é nenhuma inimiga, a morte é o

fundamental da gratidão, da solidariedade e da arte. De todos os prazeres da vida, só o amor não deve nada à morte. (p. 296) *Morreu sem dor*. Agradeceu a todos que passaram por sua vida e a você leitora, que parou para ouvir sua história. Convido lhe, por fim, a chegar-se para ouvir em detalhes esta história, a história de Dinah, em memória dela.